

para ‘obter uma cadeira na cozinha’. Estas ações resultaram no primeiro congresso para domésticas no Alto de Boa Vista (1961), que formulou o *Manifesto das domésticas* e deu origem ao seguro social para este grupo.

Denise se dava conta de que não veio para transplantar ao Brasil um modelo belga. Ela procurou viver como uma brasileira no espírito de pobreza e evitava fazer muitas comparações com a JOC/F belga. Era consciente de que a JOC brasileira já havia realizado muito durante sua curta existência e observava que os jovens brasileiros apenas tinham tido o tempo para ser crianças despreocupadas. Em 1961, depois de uma estada de oito anos, voltou à Bélgica e recebeu um mandato no Secretariado Internacional em Bruxelas.

Na sua etapa inicial a JOC/F brasileira ficou grata pela ajuda de fora e precisava de publicações jocistas belgas. Entretanto, não se tratou de uma transplantação, que seria contrária aos princípios de Cardijn e da JOC/I. Sua estratégia era seguir em cada país seu

próprio desenvolvimento. Nos anos de 1960, a JOC existia em mais de 90 países!

A situação brasileira era totalmente diferente da belga e a JOC tinha que se adaptar. O fato de a JOC/F ter sobrevivido a tantos problemas e à repressão militar prova que o movimento se adaptou realmente a esta sociedade. Na medida em que a JOC/F brasileira crescia no nível da direção e em influência, alcançou sua autonomia, também graças ao apoio dos comitês regionais e do *Centro de Informação América Latina* (1955). O fato de Bartolo Perez ter sido eleito em 1961 presidente internacional no Segundo Conselho Mundial da JOC/I, com participantes vindos de 85 países, mostra como se tinha fortalecido a JOC/F brasileira.

**Myriam Vanden Nest** obteve licenciatura em História na KULeuven com um trabalho de conclusão sobre “Os belgas na JOC brasileira”, é formada também em Ciências Religiosas, professora do ensino médio e ativa na pastoral da igreja católica.

## A Uniapac e o Brasil

PETER HEYRMAN

**A**s primeiras organizações de empresários católicos surgiram no anos de 1880-1890 na França e na Bélgica. Na senda de Léon Harmel (1829-1915) e frequentemente assistidos por jesuítas, examinavam como podiam adaptar sua prática empresarial à doutrina social da Igreja. Na Bélgica, data de 1894 a *Association des Patrons et Industriels Catholiques*. A similar flamenga surgiu em 1925, o *Vlaamse Algemeen Christelijk Verbond van Werkgevers*.

Em 12 de junho de 1931, 40 anos depois da *Rerum Novarum*, foi fundada a primeira internacional de patrões católicos, as *Conférences Internationales des Associations des Patrons Catholiques*. Depois da guerra, em maio de 1949, esta organização foi reforçada por holandeses, belgas, franceses, alemães e italianos na *Union Internationale des Associations Patronales Catholiques*, a Uniapac, com uma cúpula ainda exclusivamente europeia, mas que já nutria ambições mundiais. Em 1962 a organização se rebatizou como *International Christian Union of Business Executives*.

Sem esquecer a África, a Uniapac procurava nesses anos de 1950-1960 sobretudo expansão na América Latina. Através dos bons contatos com os jesuítas, os patrões católicos europeus esperavam encontrar lá correligionários para suas aspirações de uma ordem mundial cristã, na linha das encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Gaudium et Spes* (1965). Essa aproximação ocorria paralelamente com o movimento operário cristão e as *Nouvelles Equipes Internationales* democrata-cristãs. Naturalmente, inspiravam-se nos interesses de negócios.

Criaram-se então associações de patrões católicos no Chile (1948), no Uruguai (1952), na Argentina (1953), no Peru (1956) e no México (1957). O congresso mundial da Uniapac em Montre-

al, no Canadá, em setembro de 1957, decidiu formar uma cúpula regional (CCDAL) em Buenos Aires (Argentina). A reunião mundial seguinte da organização em Santiago (Chile), em setembro de 1961, deu novo impulso. Nesse ano fundou-se também no Brasil a Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE), tendo entre seus administradores Ernesto Diederichsen (presidente), Elias Corrêa de Camargo e Haroldo Falcão. Depois de São Paulo e do Rio de Janeiro, seguiram seções na Bahia, em Recife (PE), na Paraíba, em Natal (RN), Fortaleza (CE) e Belo Horizonte (MG). A ADCE organizou a partir de setembro de 1962 seminários para empresários e pleiteou, entre outros, um sistema de salário família.

Alguns belgas desempenharam papel de primeira importância na expansão deste movimento empresarial cristão na América Latina. Em 1955, o jesuíta e assistente espiritual da Uniapac, Jean-Marie Laureys (1897-1956), percorreu o continente e manteve conversações com várias associações de patrões católicos, como no Brasil. No seu rastro seguiram entre outros o fabricante de fios de aço Léon Bekaert (1891-1961) e Jacques De Staercke (nascido em 1927). O professor de Gand, André Vlerick (1919-1990), cooperou desde 1959 em iniciativas para formação de empresários junto com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Centro Nacional de Produtividade na Indústria (Cenpi). Entre os assistentes espirituais da ADCE encontrava-se o belga Michel Schooyans (1930-), que lecionou de 1959 a 1969 na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo.

O mediador mais importante foi, sem dúvida, Rik Vermeire (1920). Graças a Bekaert e ao industrial alemão Peter H. Werhalm (1913-1996), foi nomeado em 1958 secretário-geral da Uniapac.

Esta função o levou várias vezes à América do Sul. Mesmo depois de sua passagem para a empresa Bekaert, em 1965, Vermeire continuou a intermediar os contatos através da Fundação Léon Bekaert (1962) e da *Maison de l'Amérique Latine*. A Uniapac procurou o fortalecimento da organização patronal latino-americana e maior colaboração com o patronato europeu e com a Comunidade Econômica Europeia. Em novembro de 1962 ocorreu em Bruxelas o Fórum Europeu para a América Latina, que resultou na fundação do *Comité Européen pour la Coopération avec l'Amérique Latine* (CECAL, maio de 1963). Meio ano depois se reuniram 400 empresários latino-americanos em São Paulo e formaram

o *Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo* (CLAD). A 'Declaração de São Paulo', de novembro de 1963, defendeu uma integração econômica latino-americana mais forte, algo no modelo europeu e correspondente às ideias do economista argentino Raul Prebisch (1901-1986). O avanço da Uniapac na América Latina se consagrou no congresso mundial no México, em outubro de 1964.

**Peter Heyrman** é Doutor em História e dirige a Seção de Pesquisas do Kadoz – Centro de documentação Católica da Universidade de Lovaina.

## Os vínculos entre os mundos maçônicos e laicos da Bélgica e do Brasil

NICOLETTA CASANO

Como 'produto' europeu, a Maçonaria foi introduzida no Brasil no final do século XVIII (Oliveira Marques; José Catellani e William Carvalho). Figuras decisivas ou muito influentes na história do país, desde a Independência até a Proclamação da República, eram maçons, desde o próprio Imperador Pedro I e o 'patriarca' José Bonifácio de Andrada e Silva até o Marechal Deodoro da Fonseca, os presidentes Prudente de Moraes, Campos Sales, Hermes da Fonseca, passando por tantos outros, como o Duque de Caxias, o Visconde do Rio Branco e seu filho, o Barão do Rio Branco.

Entretanto, os historiadores brasileiros discordam sobre a concertada direção maçônica desses eventos, ainda mais que as lojas brasileiras passaram por contínuas rivalidades e dissidências, fusões e novas cisões. Numa dessas, um maçom exilado na França, Francisco Gomes Brandão (1794-1870), aliás, pelo seu nome indigenizado, Gê Acayaba de Montezuma, conseguiu, do Conselho Supremo do Rito Escocês Antigo e Aceito nos Países Baixos, uma carta de legitimação em 12 de março de 1829 para instalar um Conselho Supremo semelhante no Brasil. No seu regresso foi reconhecido por outra carta vinda da Bélgica em 12 de novembro de 1832 como 1º Soberano Grande Comendador brasileiro.

Ainda em 1858, o Conselho Supremo belga confirmou o reconhecimento do congênere brasileiro, mas naquela altura este se tinha afastado, há muito tempo, de Montezuma, e voltara à política como deputado, ministro da Justiça e dos Estrangeiros e diplomata na Inglaterra. Sobre as relações deste com os maçons belgas, valeria a pena investigar, tanto mais que foi enobrecido como Visconde de Jequitinhonha, sendo o único mulato, filho de um português e uma negra, a alcançar um título e que introduziu no Senado as primeiras propostas para abolir a escravidão.

No final do século XIX, tanto na Europa como nas Américas, algumas associações maçônicas e laicas nacionais começaram a

federar-se, criando entidades internacionais. Nestas, a Bélgica desempenhou um papel importante. Na mesma época, a entrada do Brasil nesses contextos internacionais devia facilitar a ligação entre os mundos maçônicos e laicos dos dois países. No *Bulletin du Grand Orient de Belgique* desse período pode-se ler como a maçonaria belga seguia com interesse a evolução do movimento maçônico no Brasil, constantemente contestado pela propaganda clerical ultramontana. Por falta de documentos resulta difícil, por enquanto, traçar mais a fundo os vínculos anteriores a 1930. Nessa data, o Grande Oriente do Brasil entrou na Associação Maçônica Internacional, fundada em Genebra, onde a maçonaria belga sempre foi muito ativa (*Bulletin de l'Association Maçonnique Internationale*, nº 32, 1930, p. 31; nº 34, 1930, p. 4). Outra pista seriam os papéis pessoais de influentes maçons belgas e brasileiros, como o pioneiro do ensino leigo e primeiro ministro da educação Pierre Van Humbeek (1829-1890), que tinha parentes brasileiros, ou o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que estudou em Gand e manteve boas relações com empresários belgas.

Mais aparentes são os vínculos nas associações do livre-pensamento, acercadas à maçonaria. Grande parte destas, espalhadas pelo mundo, se federaram em 1880, criando em Bruxelas a *Fédération Internationale de la Libre Pensée*. O Brasil integrou esta Federação no início do século XX, uma vez que se constituíam as ligas anticlericais em oposição à ingerência clerical na vida social e política do país. Nas cidades onde se instalaram se aproximavam muito dos meios maçônicos. Em particular, a Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, fundada em 1911, se filiou à Federação Internacional do Livre-Pensamento em 1912 (*La Pensée*, 17.11.1912, nº 407). Pode-se seguir a evolução e as atividades destas ligas brasileiras por meio de seu semanário *La Pensée*, dirigido por seu secretário, o livre-pensador e maçom belga Eugène Hins (1839-1923).